

O ENSINO DA LEITURA

VICENTE EDUARDO SOUSA E SILVA *

O Departamento de Letras Vernáculas da U.F.C. criou, há pouco mais de um ano, a disciplina Técnica de Leitura. Na súmula do programa, propõe-se a prática da leitura com vistas à perfeita articulação dos fonemas, em consonância com as unidades de sentido do texto. Veio em tempo oportuno porque dessa forma se compõe o binômio redação-leitura. Já que o nosso aluno, como devera, não tem trazido dos cursos precedentes os elementos básicos, entendemos que a Universidade tenta restabelecê-los.

Não se trata da leitura de compreensão do pensamento, literário ou científico, que deverá vir inevitavelmente antes de qualquer outra como requisito fundamental, mas sim da leitura em voz alta, correta e expressiva. Para isso visa corrigir sobretudo e em primeiro plano as falhas de articulação, dicção e acentuação. Em fase subsequente, de entonação e ritmo. Em nível mais adiantado, atender-se-á a estudos complementares de percepção, respiração, espaço, colocação da voz e outros. Saliente-se que estes planos de estudo não podem ser plenamente executados vista a exigüidade da carga horária e a carência de condições materiais. O objetivo tem sido atingido em proporção justa, uma vez que o importante é motivar o aluno e descobrir-lhe perspectivas novas para prosseguir na linha traçada.

O aluno que não adquiriu na primeira educação o mecanismo da leitura, encontrará grande dificuldade em consegui-lo em adulto. Para tanto ser-lhe-á necessário prática constante e esforço redobrado. Gaston Mialaret em *A aprendizagem da leitura* assim fala sobre o assunto: "A aprendizagem da leitura é inseparável da formação do pensamento e do desenvolvimento do

* Professor do Departamento de Letras Vernáculas da U.F.C.

espírito crítico; saber ler constitui, pois, o resultado de toda uma educação, educação essa que nunca se pode dar por concluída."

A menos que sofra de deficiências visuais, auditivas e vocais, o educando tem condições de adquirir o domínio completo da leitura em voz alta. Precisamos apenas explorar-lhe toda a potencialidade em tarefas progressivas. Por experiência sabemos que na Universidade a aprendizagem medeia entre regular e medíocre, o que torna mais difícil a recuperação do aluno que já vem para cá com os hábitos de leitura automatizados e dificilmente desautomatizáveis. Para isso pareceu-nos melhor sistema o trabalho por etapa. Numa primeira fase se faz aplicação de leitura individual com correção imediata, atendendo primordialmente a deficiências articulatórias. Embora o aparecimento de qualquer erro seja de logo apontado, de maneira geral e em caráter prioritário, o professor se manterá dentro do plano preestabelecido. A leitura puramente mecânica, cantada, monótona e truncada se corrigirá, para o que é necessário verificar as causas, extirpar o automatismo antigo. Terá que aprender a técnica da frase, com as ligações intervocabulares, a técnica da leitura total, sem preocupar-se com a expressividade que virá naturalmente depois. Para a recuperação não há tempo definido. Tanto poderá ser um ano quanto a vida inteira. As avaliações se aferem a cada aula, a cada leitura, a cada momento que o aluno deseje. Dada a limitação do programa e da carga horária, não se queira esperar que o aluno se recupere no curto espaço de um semestre escolar. Assimilada porém a técnica necessária, despertará para a leitura cuja aprendizagem em maior ou menor espaço de tempo dependerá só de sua vontade.

A boa leitura exige, a par da perfeita conformação orgânica, diversos elementos que nos permitem o domínio pleno do instrumento vocal. A *articulação*, que se caracteriza por movimentos da garganta e da boca, nos faz pronunciar as palavras. Defeitos articulatórios da criança têm que ser corrigidos a tempo, antes que o hábito não consinta mais detê-los. Afora o costume da leitura diária, bastante úteis seriam ao aluno exercícios específicos, tais como os modelos da Prof.^a Conceição de Maria Weyne de Melo no seu "Curso de Dicção e Impostação da Voz":

*Um prato de trigo para três tigres
Três pratos de trigo para três tigres*

*Uma rua paralelepipedada
Por um bom paralelepipedador,
Quem quiser desparalelepipedá-la
Bom desparalelepipedador será.*

*Está o céu enladrilhado. Oh! quem o enladrilhou?
Oh! quem o desenladrilhará?
O mestre que o desenladrilhar, bom desenladrilhador
será.*

Exercícios desse tipo poderão eliminar deficiências articu-
latórias e preservar a pronúncia correta da língua. Como conse-
qüência natural da articulação, tem-se a *dicção*, que consiste
na pronúncia correta, bem distinta, dos fonemas, das sílabas,
dos vocábulos, das frases, assim como do ritmo e da inflexão
adequados. Já que a dicção abrange todos estes fatores, con-
viria aqui certo modelo de exercício para a flexibilidade vocal.
Da Prof.^a Edmée Brandi de Souza Mello, no livro "Educação da
voz falada", colhemos estas frases:

*O prestidigitador prestativo e prestatário está prestes
a prestar a prestidigitação prodigiosa e prestigiosa.*

E palavras assim:

*trinitroglicerina
oftalmodiafanoscópio
pectinibrânquio
oftalmoflebotomia
periníctide
uterossigmóidostomia
abracadabra
abracadabrante
abracadábrico
premonstratense
meteorologia*

Ou expressões semelhantes a estas, para marcar, ligar e
apressar:

*Papa papai
pia o pião
pipa é papel
e eu papo pão*

*Bóia a bóia o bebê
bóia o boi a babá
baba o boi o babão
bumba o bombo bumbá*

*Quem a paca
cara compra
cara paca
comprará*

*Joga Joca
Juca joga
Quem não joga
gajo é*

Dominadas ambas as qualidades precedentes, as palavras tendem a vitalizar-se pela *entonação* justa, que reflete a significação do pensamento. É na inflexão que se faz sentir a *imagem* da palavra, atribuindo-lhe valores em escala crescente ou decrescente, de visão interna ou externa, conforme as necessidades subjetivas do conteúdo. Como traduz o estado emocional de quem fala, sua importância estilística sobressai pela nova dimensão conferida ao pensamento. Trata-se de ondulações da voz em torno do tom médio. Daí as diferenciações nas frases que interrogam, declaram, ordenam, exclamam e uma infinidade de variações consoante o conteúdo. Escolhemos alguns exemplos do Curso retrocitado, cuja leitura deverá ressaltar e distinguir o poder encantatório da palavra:

*Quando desço o morro sinto que quase morro.
Sujei de manga a manga do meu paletó.
Maria casa em casa.
Leve o que é leve e deixe o que é pesado.
A nossa casa no Vale do Rio Paraíba vale muito.
Pelo que ouvi o pelo da escova está gasto.
José mata o gato na mata.
Eu não me fio nesse fio, pois está fraco.*

Não se pode prescindir de outro aspecto da articulação, a intensidade com que são pronunciados os sons das sílabas das palavras. Essa intensidade denomina-se *acentuação*. Na frase há vocábulos acentuados e vocábulos inacentuados que se encadeiam formando um grupo intensivo. Muito claro nos parece o que diz Júlia Kristeva em "História da Linguagem" sobre o enfoque: "a cadeia falada apresenta, não palavras mas *grupos fonéticos* constituídos por um acento de intensidade sobre a última sílaba. Em "o amigo do povo" há um único acento em *po*, o que faz da expressão um só grupo fônico". Perceba-se pelo exemplo que cada verso constitui o grupo fônico:

"Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá."

Sentindo outro ângulo da acentuação, observemos as variações da intensidade nos versos de Bandeira, cujo modelo se aplicará também a casos já estudados:

O vento varria as folhas Voz forte, marcando
O vento varria os frutos, as consoantes
O vento varria as flôres...

E a minha vida ficava Suave, numa expiração só
Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.

O vento varria as luzes
O vento varria as músicas,
O vento varria os aromas... Mesmos efeitos
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De aromas, de estrelas, de cânticos

Na elocução por conseguinte não se enunciam isoladamente as palavras. Estas se ligam nos chamados "grupos de força", que são subunidades delimitadas por pausas sintáticas, expressivas e respiratórias. Daí resulta o *ritmo*. Na expressão de Edméé Brandi de Souza Mello, "a palavra ritmo, em seu sentido mais amplo, pode ser definida como a sensação agradável, causada pelo movimento do fluir de conjuntos *fortes* e *fracos*, de duração variável, que se ordenam, alternando-se entre si e com pausas (ou silêncios), associados a variações de *altura* e de *tímbr*e, e que se repetem no tempo com certa regularidade e com maior ou menor velocidade, dando a impressão de pulsações periódicas". Em outros termos, ritmo é a cadência da frase, a alternância do forte e do fraco, a duração do tempo pela aceleração ou retardamento da locução. Como exemplo do que se definiu, na parte referente à duração, é bastante a leitura em voz alta, acompanhada de um bater de mãos, da seguinte frase:

"Se queres sentir a felicidade de amar"...

Note-se que "o grupo acentual — a *felicidade* — é pronunciado com o dobro da rapidez, em relação aos outros". Quanto a de-

mais aspectos do ritmo, passemos a mais um exemplo, marcando a cadência constante e variada dos versos de Carmen Carneiro, acentuando as sílabas assinaladas, não parando nas vírgulas, só respirando nos pontos:

*Bailemos, bailemos
na roda incessante
que o sonho se perde
— fugaz navegante —
No espelho da vida
tão claro, tão quieto
a sombra de um rosto
velado e secreto.
No giro do tempo
é névoa, é bruma,
perdido, sem norte,
castelo de espuma.
Cantando, chorando,
giramos na esfera,
vivendo e morrendo
em ronda de espera.*

Para se ler bem, como vimos, há toda uma escala gradativa de elementos a serem conquistados com o tempo e algumas práticas simultâneas e auxiliares às técnicas, como relaxamento total, descontração dos olhos, mobilidade da língua e dos lábios, consciência de espaço e equilíbrio, percepção, colocação da voz e coordenação fono-respiratória. Este último aspecto é por demais importante. Quando e onde respirar. É necessário advertir que não se deve respirar em todos os sinais gráficos, porque estes têm função sintática, que nem sempre corresponde à realidade da leitura. Tomemos por modelo um trecho onde assinalamos as *pausas* com uma barra / as *pausas respiratórias* com duas //:

As confissões de Nelson Rodrigues
Cap. CCCLXVI

Depois que se transferiu para S. Paulo,/ ele começou a sentir uma falta desesperadora.// E não sabia de quê ou de quem./ Era falta de algo transcendente, vital, insubstituível.//

Até que descobriu o seguinte:/ na capital paulista,/ o sujeito está sempre a cinco metros do horizonte.// Exatamente, uma profundidade de cinco metros./ Por outras palavras:// o horizonte é uma parede./ Para onde se vire, há sempre uma

parede.// O Borghert,/ dentro ou fora de casa,/ na rua, ou qualquer lugar,// está entre quatro paredes fatais.//

Um dia, não aguentou mais./ Estava com um cliente importantíssimo no seu escritório./ Disse:// "Dá licença um instantinho. Volto já."// Desceu,/ apanhou o automóvel e arrancou para o Rio.// Veio numa velocidade fulminante.// Dirão que há horizonte na estrada./ Mas era pouco para seu apetite visual.// Ele sempre achou que o horizonte marinho tem outra profundidade,/ sim,/ uma profundidade espantosa.// Pode-se perguntar:/ "E por que não foi a Santos"?// Porque profundo é o horizonte do Leblon.//

Convém finalmente rever e fixar as normas primaciais da elocução: ler sem pressa, articular com nitidez, dar fluência à frase e principalmente conferir à palavra "todos os matizes da emoção e da intenção". A propósito, observa a autora de "Educação da voz falada": "Não se trata apenas de aprender as técnicas incentivadoras, para usá-las na comunicação oral, é preciso acima de tudo saber empregá-las adequadamente, compreender-lhes o alcance para pô-las a serviço da *autenticidade* da expressão." Isso tornará o pensamento compreensível e convincente, mormente quando a qualidade mais importante de quem fala é a *maneira de dizer*. Tanto mais que a escritora mencionada volta a dar relevo à matéria citando Canuyt: "A grandeza do resultado não se estriba no brilho ou na intensidade do som; é o resultado das vibrações da alma, cujo eco é a voz. Basta, portanto, pôr nas palavras apenas o som necessário para que levem ao ouvido de quem ouve os sentimentos de quem fala."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BRASLAUSKY, Berta P. de. *Problemas e métodos do ensino da leitura*. São Paulo, Ed. Melhoramentos / Editora da U.S.P., 1971.
- 2 BUENO, Silveira. *Manual da caligrafia, Caligrafia, Calírritmia e Arte de Dizer*.
- 3 KRISTEVA, Júlia. *História de linguagem*. Lisboa, Ed. 70.
- 4 MATTOSO, Câmara Jr. J. *Manual de expressão oral e escrita*. Rio de Janeiro, Ed. J. Ozon-Editor, 1966.
- 5 MELO. Conceição de Maria Weyne de. *Curso de dicção e imposição da voz*. Fortaleza, Ed. Mimeografada, 1976.
- 6 MIALARET, Gaston. *A Aprendizagem da leitura*. Editorial Estampa, 1974. Presses Universitaires de France.
- 7 MONTEZUMA, Helena. *Noções de estilo*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro.
- 8 SOUZA MELLO, Edmée Brandi. *Educação da voz falada*. Rio de Janeiro, Ed. Gernasa, 1972.

Rev. de Letras, Fortaleza, 3/4 (2/1): Pág. 124-130, jul./dez. 1980